AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
E-ISSN 2238-5533

Reflexões sobre práticas socioambientais e de Educação Ambiental emergentes de um grupo de mulheres do Quilombo da Rasa, Armação dos Búzios/RJ.[1]

Gabriella Michalopoulos[2]
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
https://orcid.org/0000-0002-2173-3620

Marcelo Stortti[3]
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
https://orcid.org/0000-0003-1400-9834

Bruno Monteiro[4]
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
https://orcid.org/0000-0001-8933-5816

Resumo: O estudo busca investigar a descolonização da ciência por meio da valorização dos saberes ancestrais femininos, com foco nas práticas de Educação Ambiental no Quilombo da Rasa em Armação dos Búzios/RJ. A pesquisa utilizou entrevistas com mulheres quilombolas, cuja sabedoria ancestral, passada por gerações através da memória oral, revelou práticas ambientais profundamente enraizadas em suas interações com o meio ambiente. Como caminho metodológico utilizou-se a análise temática, elencando categorias a partir dos estudos do autor Malcom Ferdinand no livro "Uma ecologia Decolonial", analisando vídeos selecionados de entrevistas concedidas por mulheres quilombolas de Búzios. Por conseguinte, selecionamos o referencial teórico a partir de uma revisão de literatura

[1] Recebido em: 03/12/2024 Aprovado em: 24/02/2025.

[2] Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pós graduação em Educação Infantil pela Faculdade Futura. Atualmente é discente do Mestrado Profissional em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento (PROASD) da UFRJ/Macaé. Atua profissionalmente como Diretora Adjunta da Creche Escola M. Maria Amélia de Souza localizada na comunidade remanescente quilombola da Rasa em Armação de Búzios. Email: gabi.michalopoulos@gmail.com

[3] Doutor em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e mestrado em Educação pela UNESA. Graduação e licenciatura em Ciências Biológicas pela UGF. Especialização em Malacologia, Ensino de Ciências e Biologia na FIOCRUZ e no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos - CIEP na França. Email: socio.ambiental.observatorio@gmail.com

[4] Doutor em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ) com estágio doutoral sanduíche na Universidade de Aveiro (Ua/PT). Mestre em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde (NUTES/ UFRJ). Licenciado em Química (UFRJ) e em Física (UNIS). Técnico em Química. Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Macaé). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde (PPGECS/NUTES/UFRJ). Professor do Mestrado Profissional em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento (PROASD/NUPEM/UFRJ). Email: bpmonteiro@gmail.com

integrativa propondo o diálogo com os resultados encontrados. Concluiu-se, longe de oferecer respostas prontas, a reflexão acerca da valorização dos saberes femininos ancestrais para a ressignificação dos conhecimentos científicos.
Palavras-chave: Decolonialidade. Educação Ambiental de Base Comunitária. Ancestralidade. Quilombolas.

Reflexiones sobre prácticas socioambientales y de Educación Ambiental surgidas de un grupo de mujeres Palenqueras Rasa, Armação dos Búzios/RJ.

Resumen: El estudio busca investigar la descolonización de la ciencia a través de la valorización de los saberes ancestrales femeninos, centrándose en las prácticas de Educación Ambiental en el Quilombo da Rasa en Armação dos Búzios/RJ. La investigación utilizó entrevistas con mujeres quilombolas, cuya sabiduría ancestral, transmitida de generación en generación a través de la memoria oral, reveló prácticas ambientales profundamente arraigadas en sus interacciones con el medio ambiente. Como camino metodológico se utilizó el análisis temático, enumerando categorías basadas en estudios del autor Malcom Ferdinand en el libro "Uma Ecologia Decolonial", analizando videos seleccionados de entrevistas realizadas por mujeres quilombolas de Búzios. Por lo tanto, seleccionamos el marco teórico a partir de una revisión integradora de la literatura proponiendo un diálogo con los resultados encontrados. Concluyó, lejos de ofrecer respuestas listas, la reflexión sobre la valorización del conocimiento femenino ancestral para la redefinición del conocimiento científico.
Palabras-clave: Descolonialidad. Educación ambiental comunitária. Ascendência. Palenque.

Reflections on socio-environmental and environmental education practices emerging from a group of women from Quilombo Rasa, Armação dos Búzios/RJ.

Abstract: The study seeks to investigate the decolonization of science through the valorization of ancestral female knowledge, focusing on Environmental Education practices in the Quilombo da Rasa in Armação dos Búzios/RJ. The research used interviews with quilombola women, whose ancestral wisdom, passed down through generations through oral memory, revealed environmental practices deeply rooted in their interactions with the environment. The methodological approach used thematic analysis, listing categories based on the studies of the author Malcolm Ferdinand in the book "A Decolonial Ecology", analyzing selected videos of interviews given by quilombola women from Búzios. Consequently, we selected the theoretical framework from an integrative literature review proposing a dialogue with the results found. The conclusion, far from offering ready answers, reflects on the valorization of ancestral female knowledge for the resignification of scientific knowledge.
Keywords: Decoloniality. Community-based environmental education. Ancestry. Quilombolas.

Introdução

A perspectiva tradicional comumente vista do conhecimento científico baseia-se em um viés eurocêntrico, que valoriza e privilegia os saberes oriundos historicamente do norte global, particularmente da Europa Ocidental, sendo legitimados e disseminados como fonte de conhecimento no consenso histórico social, perpetuando a colonialidade do ser e do saber (Quijano, 2005), limitando o reconhecimento de outros saberes e excluindo epistemologias alternativas que emergem do sul global, reforçando uma hierarquia de conhecimentos imposta pelo colonialismo epistemológico (Santos; Meneses, 2009). Estes saberes difundidos por séculos indicam a soberania imposta

pelos colonizadores, que além de dominarem territórios e povos, também dominaram o conhecimento científico. Neste sentido, ancoramo-nos na perspectiva ilustrada por Lander *et al.* (2009), obra que reuniu grandes autores e cientistas latino americanos, para compreender a complexidade e a necessidade de desafiar as estruturas de poder que moldam a produção de conhecimento na América Latina.

Posto isto, o presente artigo visa problematizar o conhecimento científico colonizado, que impõe uma forma "normal" de organização e existência social através da especificidade histórica e cultural eurocêntrica (Lander *et al.*, 2009). Desse modo, a descolonização do conhecimento busca romper este paradigma posicionando-se em uma perspectiva intercultural, que vá além do simples reconhecimento da diversidade cultural. Conforme indicado por Walsh (2019), a interculturalidade é um projeto político e ético que visa transformar as relações de poder e desmantelar as estruturas coloniais que perpetuam a desigualdade. Ademais, prospectamos que esse projeto, quando aplicado à Educação Ambiental (EA), enfatize a importância de valorizar e integrar os saberes ancestrais e tradicionais, de povos e comunidades, em busca de uma práxis libertadora (Freire, 1987).

Nesse movimento de legitimar esses saberes e conhecimentos em uma perspectiva contra-hegemônica, vindos dos povos marginalizados e invisibilizados durante a história mundial, sobretudo os povos do sul global, como África e América Latina, caminha a descolonização do conhecimento (Santos, 2007). Entendemos que estes povos dominados e colonizados, violentados e cerceados, possuíram e ainda possuem ricos saberes ancestrais e tradicionais que foram silenciados e roubados. No intuito de reconhecimento desses saberes, preconizamos a EA Desde el Sur, compreendida segundo Rufino, Camargo e Sánchez (2020) como uma abordagem da EA contextualizada às realidades socioambientais do sul global, realidades estas responsáveis por gerar profundas desigualdades e injustiças socioambientais.

No recorte desta pesquisa, direcionamo-nos para as mulheres, com seus saberes ancestrais que muito contribuíram para a construção da sociedade e que se perpetuam nos seus territórios como fonte de saber inesgotável, passados de geração em geração, através da memória oral. Esses conhecimentos, frequentemente desconsiderados pela característica hegemônica das práticas sociais e científicas, acabam sendo negados e desqualificados, em face da imposição de uma maneira exclusiva de lidar com a

natureza, transformando-a em mercadoria através da ideia que os seres não humanos são recursos naturais (Oliveira *et al.*, 2020).

Porém, apesar da crescente valorização dos conhecimentos tradicionais, há uma lacuna significativa na integração dos saberes ancestrais femininos com práticas educativas e científicas. Ao não considerar estes saberes como fonte de conhecimento, perpetuamos a desigualdade de gênero e étnico-racial.

Segundo as investigações de Oliveira *et al.* (2020) muitos movimentos sociais de lutas e direitos sobre os territórios são liderados por mulheres, sem necessariamente adotarem discursos ambientalistas e feministas. Desta forma, considerar os saberes emergidos do movimento comunitário pode contribuir significativamente para uma perspectiva decolonial do saber, do poder e do ser, tornando-se uma "ferramenta de resistência à invisibilização dos conhecimentos populares e de contraposição ao modelo de Educação Ambiental hegemônico" (Oliveira *et al.*, 2020, p.193).

Com isso, indagamo-nos a seguinte questão de pesquisa: de que forma os saberes ancestrais femininos, aqui indicados a partir das mulheres quilombolas de Armação dos Búzios, podem contribuir para a descolonização do conhecimento e da natureza e possibilitar outras perspectivas para práticas de EA?

Neste caminho, objetivou-se investigar práticas socioambientais e de EA que emergem de uma comunidade tradicional, em especial as vivenciadas por mulheres quilombolas, do Quilombo da Rasa, localizada em um contexto urbano no município de Armação dos Búzios/RJ.

Adiante, indicamos os caminhos metodológicos, descrevendo em detalhes os procedimentos de coleta e análise dos dados obtidos. Em seguida, apresentamos os resultados encontrados, refletindo sobre as práticas socioambientais e de EA que dialogam com a ancestralidade feminina, discutindo os principais achados a partir das falas registradas e sua relação com a literatura existente sobre decolonialidade e conhecimentos tradicionais. Na seção seguinte, discutimos os resultados, compreendendo que os saberes ancestrais são fontes de conhecimento e interpretando os dados obtidos a partir do referencial selecionado. Por fim, nas considerações finais, ressaltamos as implicações práticas e teóricas do estudo e, em vez de oferecer respostas definitivas, buscamos ampliar a discussão temática da descolonização do conhecimento científico, sublinhando a necessidade de investigações futuras sobre o tema.

Caminhos metodológicos

Inicialmente, para ilustrar o escopo da pesquisa, buscamos dimensionar as características dos sujeitos pesquisados. Sujeitos – ou sujeitas - esses que se configuram através do empoderamento ancestral, mulheres fortes, resistentes e confiantes, que em toda sua trajetória de vida buscaram conviver com seu território. Mulheres que sofreram por inúmeras questões étnicas, raciais e econômicas e na sua história encontraram força e resiliência.

Neste viés, encontramo-nos no município de Armação dos Búzios/RJ, ou só Búzios como popularmente é chamado, conhecido internacionalmente por ser um charmoso balneário rodeado das mais belas praias do litoral brasileiro. Destino turístico muito famoso, com uma ampla rede hoteleira e atrações das mais variadas. Conhecido por receber diversas celebridades, pessoas com grande poder aquisitivo e por seus restaurantes renomados e vida noturna agitada. Mas em meio a tanto sucesso, encontramos um território que carrega uma história que remonta a escravização, com duas comunidades quilombolas.

Nesta perspectiva, indicamos Carneiro (2018) em sua pesquisa de mestrado, que se debruçou sobre a identidade cultural buziana, e buscou a caracterização destes grupos segundo os seus marcos históricos e culturais. Na visão do autor, no que tange a marca identitária cultural quilombola, destaca-se a característica histórica do território buziano como rota de embarque e desembarque de escravizados, antes e após a proibição do tráfico negreiro no Brasil. Ao longo do tempo surgiram inúmeros povoados remanescentes de quilombo que acabaram pulverizando-se, encontrando-se atualmente no município apenas dois quilombos remanescentes, da Rasa e Baía Formosa. Ambos os quilombos buscam a manutenção dos seus traços ancestrais culturais e históricos, mesmo diante das adversidades ligadas a inúmeros fatores, como questões religiosas e falta de manutenção de suas manifestações culturais. Contudo, percebe-se que os remanescentes quilombolas locais buscam o movimento de “exaltar os traços mais marcantes de sua cultura, com orgulho e respeito às suas raízes” (Carneiro, 2018, p.60).

Adiante, para delinear o percurso metodológico desta pesquisa, ancoramo-nos na abordagem qualitativa para coleta e análise dos dados. Para tal, buscamos estes registros a partir de uma sequência de vídeos do canal do YouTube "Memórias de um povo - Búzios" e do Instagram "Crônica Buziana". Os vídeos fazem parte do Acervo da

Imagem e do Som de Armação dos Búzios, produzidos pela Céu Abertos Filmes através da jornalista Maria Fernanda Quintela e do cinegrafista Nenéu Gomes.

Após o levantamento, a identificação dos principais achados, promovemos um diálogo com o referencial teórico de base para nossa pesquisa, sendo estes: (Camargo; Pereira, 2021; Freire, 1967, 1987; Gonzalez, 1988, 2020; Lander *et al.*, 2009; Loureiro; Layrargues, 2013; Mignolo, Walter, 2008; Mignolo, Walter D.; Casas, 2005; Quijano, 2005; Rufino; Camargo; Sánchez, 2020; Walsh, 2019; Walsh; Oliveira; Candau, 2018).

Por conseguinte, utilizamos a análise temática a partir dos pressupostos de Braun e Clarke (2006), entendendo a possibilidade da análise das informações de forma detalhada, rigorosa e reflexiva, garantindo tanto a profundidade quanto a clareza na interpretação dos dados.

Resultados e discussões

Inicialmente buscaram-se os vídeos, no site do YouTube e Instagram, que fariam parte da pesquisa, selecionando-os a partir de critérios de inclusão pré-estabelecidos (quadro 1), como entrevistas dadas por mulheres quilombolas, e que tivessem em seu conteúdo relação com a EA, dentro de uma faixa temporal (2002-2024) e institucional (Quilombo da Rasa). O período foi definido considerando, conforme informações do Mapa de Conflitos da Fiocruz, a delimitação das terras do Quilombo da Rasa realizada pela Fundação Cultural Palmares em 1999 (Fiocruz, *s. d.*), um marco no reconhecimento territorial da comunidade. A partir desse processo, as práticas socioambientais e a relação das mulheres quilombolas com o território ganharam novos contornos, influenciando a produção de narrativas sobre meio ambiente e pertencimento. Como critério de exclusão, desconsideramos os vídeos de outros grupos étnicos, entrevistas realizadas por homens e que não tivessem ligação com assuntos voltados para o meio ambiente e o etarismo.

Quadro 1 - Critérios de inclusão e exclusão de um estudo sobre práticas socioambientais de mulheres do Quilombo da Rasa, Armação dos Búzios/RJ.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
Critério temporal (2002-2024) e institucional (Quilombo da Rasa).	Outras comunidades originárias ou tradicionais, questão de gênero (protagonismo dos homens), temático (não abordasse o meio ambiente ou a educação) e etarismo (mulheres abaixo de 50 anos).

Fonte: os autores (2024).

Desta forma, foram selecionados 7 vídeos, conforme tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Vídeos selecionados para a pesquisa

NOME	COMUNIDADE	PLATAFORMA	LINK DO VÍDEO
Perciliana da Costa	Quilombola	YouTube	https://www.youtube.com/watch?v=G5cYJxLKtbQ
Eva Maria da Conceição	Quilombola	YouTube	https://www.youtube.com/watch?v=czs3j-bq6K4
Mercina Alves de Souza	Quilombola	YouTube	https://www.youtube.com/watch?v=TIROG0Bey8w
Antônia Maximiliana Mureb	Quilombola	YouTube	https://www.youtube.com/watch?v=zVjRZeQqkOo
Carivaldina Oliveira da Costa – Dona Uia	Quilombola	Instagram	https://www.instagram.com/p/C6_K4JKLemb/
Roselene Pereira	Quilombola	Instagram	https://www.instagram.com/p/C3_jkKatYnM/
Selma Gonçalves Judete da Silva Roselene Pereira	Quilombola	Instagram	https://www.instagram.com/p/C4MkijZIg0X/

Fonte: Canal do Youtube Memória de um Povo – Búzios e Página do Instagram Crônica Buziana (Os autores, 2024)

Após a seleção dos vídeos, optamos por assistir cada um deles, fazendo o registro e transcrição das principais falas que tivessem relação com práticas de EA, identificando expressões, conceitos e experiências relevantes. Neste sentido, não

utilizamos ferramentas automáticas de transcrição pois estas poderiam comprometer o entendimento das falas das entrevistadas, optando por um olhar atento e escuta sensível ao acompanhar cada fato contado. Posteriormente, as informações registradas e transcritas foram separadas em 3 categorias temáticas, através de uma correlação estabelecida com o livro "Uma Ecologia Decolonial" do autor Malcom Ferdinand, que sensivelmente desenhou aspectos da história quilombola nas Américas, sendo estas: matrigênese, metamorfose crioula e ecologia quilombola.

A categoria 1, matrigênese, para Ferdinand (2022) indica a relação dos quilombolas com a terra e a natureza, constituindo "a matriz material da existência" (Ferdinand, 2022, p.171). Esta relação profunda com a "Mãe Terra", permeia uma conexão sagrada dos povos e comunidades que interagem com seu ambiente e elementos de forma simbiótica. Neste panorama, pensamos a matrigênese através da perspectiva da relação estabelecida pelas mulheres quilombolas com a terra, com seu território e seu espaço, que se tornou neste contexto fonte de renda, subsistência e trabalho.

A categoria 2, metamorfose crioula, permitiu aos quilombolas reencontrarem um sentido de "eu" e de "nós" através de uma renovada conexão com seus corpos, um vínculo cultural que emerge de uma liberdade e pertencimento ampliados, e um sentimento que se fortalece pela organização e participação de uma vida comunitária (Ferdinand, 2022). Tal conceito está profundamente entrelaçado com questões de solidariedade comunitária, particularmente no contexto de apoiar aqueles que pertencem a um mesmo território, criando narrativas compartilhadas que fortalecem os laços comunitários. O estabelecimento de redes de apoio dentro da comunidade, através da ideia de pertença entre o eu e o nós, oportuniza a criação de ajuda e assistência mútuas, formando redes de apoio emocional, social e econômico, ajudando os membros a superar obstáculos, resolver conflitos e problemas juntos.

A categoria 3, ecologia quilombola, refere-se, segundo Ferdinand (2022) a postura ecologista manifestada primeiramente na gestão interna das comunidades, tanto humanas quanto não humanas, estruturadas pelo cuidado e pela atenção dedicados a essa terra que lhes dá vida. Além disso, reflete-se na forma como esses quilombolas transformam esses espaços em um lar, um *oikos*, ao aprenderem e compreenderem sua linguagem, seu *logos*. Assim, nesta categoria, entendemos a íntima relação que os quilombolas possuem com seu território, construindo e fazendo deste espaço seu lar. Ao

construírem seus lares, entendemos que esta ecologia vai de encontro a um profundo respeito com os elementos naturais e o meio ambiente, fazendo com que os quilombolas se transformem naqueles "que preservam a terra, que cuidam da natureza" (Ferdinand, 2022, p. 174) e que encontram formas sustentáveis e responsáveis de povoar a terra.

Com o delineamento das informações, buscamos através do referencial teórico selecionado, base para dialogar com os registros dos saberes ancestrais das mulheres quilombolas. Adiante estabeleceremos os resultados encontrados refletindo sobre a ancestralidade feminina e discutiremos estes achados sob a perspectiva da literatura científica e dialogando com as categorias temáticas, procurando indicar os saberes ancestrais como fonte de conhecimento.

Refletindo sobre a ancestralidade feminina

Refletir sobre a ancestralidade feminina aprofunda o sentimento de valorização da mulher diante da luta histórica por reconhecimento e voz, em vistas da sociedade predominantemente pautada no pensamento ocidental, capitalista e patriarcal (Gonzalez, 1988). Devido o contato constante com a biodiversidade, essas mulheres acumulam uma vasta gama de saberes cotidianos sobre a natureza e o território, integrando-se ao patrimônio imaterial das suas comunidades (Castro; Monteiro, 2020). Estabelecer os laços ancestrais e tradicionais de mulheres em seus territórios nos movimenta ao pensamento decolonial frente a colonialidade do saber, especialmente quando propomos uma relação disruptiva dos conhecimentos historicamente ditos como únicos e científicos, eurocentrados em uma perspectiva capitalista colonial/moderna (Quijano, 2005).

A análise dos vídeos produzidos por Maria Fernanda Quintela e Nenéu Gomes nos proporcionou uma gama de informações inestimáveis sobre a história das mulheres quilombolas de Búzios. Um material rico em cultura, história e sobretudo, saberes. Saberes estes que nos suleiam a um pensamento descolonizador (Stortti; Sanchez, 2019), na busca por reconhecimento dos saberes ancestrais femininos.

Podemos indicar que na análise das falas das entrevistadas, o que mais chamou a atenção foi a representatividade que as mulheres possuíam (e ainda possuem) na comunidade. O papel de protagonismo empenhado nos fazeres comunitários e familiares iluminam o poder feminino aqui representado. Algumas eram responsáveis

pelo sustento familiar, outras auxiliavam os homens nos proventos, enquanto o homem saía para a pesca, a mulher ia para a roça. Tal percepção nos conduz as experiências femininas do aquilombamento, conceituada por Ferdinand (2022) como "uma dupla resistência, à escravidão e à dominação masculina" (Ferdinand, 2022, p. 179), sendo as mulheres quilombolas responsáveis, segundo o autor, por tornar possível a sobrevivência dos quilombos e o aquilombamento dos homens.

Adiante, conforme as categorias temáticas delineadas para análise dos dados dos materiais obtidos, elucidamos os principais achados pertinentes ao objetivo central desta pesquisa.

Em um contexto voltado para a íntima relação com a terra, as mulheres entrevistadas relataram práticas voltadas para o trabalho na roça, em uma intrínseca matrigênese, destacando a diversidade de práticas e cultivos. Perciliana da Costa em sua entrevista indicou: "Aqui nós plantávamos de tudo: era feijão, mandioca, milho, abóbora, amendoim, alho. Tudo na roça era plantado e colhido" (Perciliana da Costa, 2022). Adiante, na entrevista, ela ainda indicou que a venda dos produtos era realizada no armazém local: "Tudo que colhia era vendido no armazém em José Gonçalves. Não era vendido para fora, era vendido para a própria população da cidade" (Perciliana da Costa, 2022).

Os relatos evidenciam relação com a primeira temática, destacando uma sabedoria ancestral, que demonstra a resistência e identidade cultural profundamente enraizadas na interação com o meio ambiente. Tais relatos demonstraram consciência no manejo e manutenção das plantações que a comunidade possuía e a perspectiva de uma economia voltada para produção local e circulação interna.

Eva da Conceição (Dona Eva) e Carivaldina (Tia Uia), duas fortes representantes da cultura quilombola local, falaram sobre o trabalho na roça desde a infância, indicando a representatividade do trabalho feminino na manutenção econômica das famílias e na preservação dos conhecimentos tradicionais.

Dona Eva, como é carinhosamente conhecida pela população local, tem atualmente 113 anos e é considerada a maior memória viva da história buziana. Em seu relado, explicou como fabricavam utensílios domésticos, utilizando-se de materiais disponíveis: "As coisas da gente eram caneca de lata, panela de barro, prato de barro, garfo de pau" (Eva da Conceição, 2022). Dona Uia destacou a autossuficiência como característica marcante das famílias, que cultivavam seu próprio alimento para

consumo: “A gente trabalhava na roça para comer, e comida não faltava. A gente criava galinha, criava porco” (Dona Uia, 2024).

Desta forma, observamos nos relatos fortes traços das categorias temáticas 1 e 3, tanto na relação com a terra, destacada pela entrevistada como roça, como forma de subsistência, bem como no vínculo criado com o meio ao destacar que os utensílios utilizados vinham do reaproveitamento de materiais e matérias orgânicas.

Adiante, a pesca também foi destacada como atividade de subsistência da comunidade ao longo dos anos. As mulheres marisqueiras, Selma, Judete e Roselene, refletiram em suas falas um profundo respeito à natureza: “Não se deve pegar os mariscos menores, é para deixar e buscar depois de 3 meses. [...] Não se deve pegar as conchas vazias, pois outros animais marinhos e de mangue utilizam como casa” (Marisqueiras, 2024).

As falas indicaram a prática de coleta seletiva de mariscos e o respeito pelo equilíbrio do ciclo de reprodução e pela fauna marinha. Esses testemunhos refletem o uso consciente dos elementos naturais e um profundo respeito e compreensão do meio ambiente, que vai além das práticas modernas de sustentabilidade, indicando intenso vínculo com a categoria 1, ao se posicionarem em uma relação de respeito com a “Mãe Terra”, aqui vista como meio natural ao qual fazem parte.

Outro ponto de destaque foram os conhecimentos medicinais ancestrais destacados por Dona Eva, advindos das comunidades tradicionais e conhecidos e difundidos historicamente. Dona Eva afirma que antigamente era muito difícil ver pessoas doentes: “A gente não tinha médico. Ninguém ia para o médico e quase não morríamos. Quando morria alguém era de velhice”. Em seu relato detalhou o uso de plantas como Santa Maria e erva de São João para tratar vermes e gripe, principalmente nas crianças: “Pegávamos Santa Maria, socava, socava a semente, pegava óleo de rícino, fazia aquele angu, assava a banana e colocava, e dava para a criança comer aquilo de tarde ou de noite” (Eva da Conceição, 2022).

Já Antônia Maximiliana indicou como alternativas o uso da espiritualidade para diagnosticar as crianças da comunidade: “Pegava três galinhas e oferecia três palavras santas. Rezava três ave maria, três santa maria, três pai nosso e oferecia para Jesus a cura das crianças. Quando as crianças estavam carregadas, com olho ruim mesmo, as galinhas ficavam murchas e caídas” (Hélio e Zeni Cine Bardot, 2017).

Nestes relatos percebemos uma dimensão cosmológica na qual humanos,

natureza e espiritualidade conversam entre si de forma a atender o cuidado com o próximo, permeando todas as categorias temáticas.

Em seguida, as práticas de construção descritas pelas mulheres demonstram conhecimento das técnicas tradicionais e da utilização de materiais naturais. Mercina descreveu e relembrou que as casas na beira da praia sofriam desgaste na sua estrutura devido às chuvas e aos ventos: "Pegávamos o bambu, amarrávamos com cipó. Convidávamos as pessoas para ajudar a colocar o barro. Tinha que carregar a água, fazer a massa de barro. [...] As casas na beira da praia tomavam vento e chuva, e o barro cedia, abria. Aí depois ensinaram que precisava pegar as cinzas do fogo a lenha e misturar no barro para ficar duro" (Mercina e Moacir, 2017).

Já Dona Eva em sua fala relembra que os móveis dentro da casa também eram feitos de forma artesanal e para lavar os cobertores utilizados, Dona Eva lembra que compravam farinha de trigo na venda local e misturavam com sabão: "Os móveis da casa eram feitos de barro. Também tinha cama e esteira de bambu. Juntava o barro, socava, socava e colocava a folha de bananeira por cima. Depois podia molhar que não soltava [...] colocava esteira para dormir. Não tinha cama acoplada para dormir não. Pegava o cobertor para ficar macio [...] A gente comprava saco de farinha de trigo, misturava com sabão e quando chovia colocava as cobertas para "quarar". Ficavam clarinhas as cobertas da gente" (Eva da Conceição, 2022).

Por fim, Mercina relata que as pessoas se juntavam para construir as casas e os donos sempre cozinhavam algo: "Os donos da casa faziam bolo de amendoim, tapioca e o café, e davam para o pessoal que ia fazer a casa comer" (Mercina e Moacir, 2017).

Desta forma, percebemos nessa sequência de relatos, conexão das 3 categorias, desde a matrigênese na relação matricial com a natureza, perpassando pela metamorfose crioula ao evidenciar a união da comunidade nas construções habitacionais da época, até a ecologia quilombola ao tornarem a terra seu *oikos*.

Assim, os resultados encontrados a partir das entrevistas do Canal "Memórias de um povo – Búzios" e do Instagram "Crônica Buziana" demonstraram evidências da integração dos saberes ancestrais femininos nas práticas ambientais cotidianas das comunidades quilombolas de Búzios, mostrando como esses conhecimentos contribuíram para a formação social e identidade cultural do território. Adiante estabeleceremos a discussão dos resultados aqui divulgados, dialogando com a literatura científica acerca de temáticas pertinentes ao objeto de pesquisa.

Saberes ancestrais são fontes de conhecimento

Descortinar todos esses ensinamentos comunicados pelas mulheres quilombolas de Armação dos Búzios no presente estudo revelou uma rica tapeçaria de saberes ancestrais femininos que desafiam a colonialidade do ser e do saber (Mignolo, Walter D.; Casas, 2005), destacando a importância da descolonização do conhecimento e da valorização dos saberes tradicionais, compreendendo como estes conhecimentos gerados no seio da comunidade podem contribuir com a ciência em uma perspectiva decolonial.

Neste sentido, trazemos à discussão uma EA de Base Comunitária, conceito pensado através dos estudos do grupo de pesquisa GEASur/UNIRIO, a partir do diálogo da EA Crítica e Transformadora e os conhecimentos acumulados compreendidos como o Legado da América Latina (Camargo, 2017), como forma de integrar e valorizar esses saberes tradicionais no contexto da educação formal e não formal. A EA de Base Comunitária vem de encontro a perspectiva aqui proposta de integração e consideração dos saberes ancestrais como fonte de conhecimento e o legado pedagógico das lutas sociais, "uma vez que se estrutura em construção com as histórias de vida, a memória oral, a cultura popular e o saber-fazer dos sujeitos locais" (Castro; Monteiro, 2020, p.4).

Entendemos a educação como um ato de liberdade, seguindo os pressupostos de Freire (1967), no que tange ao conhecimento das experiências e da vivência concreta das pessoas. Através das falas dessas mulheres, demonstra-se evidentemente que o conhecimento por elas transmitido é enraizado em suas práticas cotidianas, na interação com a biodiversidade e no apoio comunitário. A pedagogia freiriana nos convida a reconhecer e valorizar esses saberes como legítimos e essenciais para a construção de uma educação que emancipa e transforma. Os relatos das práticas ambientais, medicinais e de construção são expressões autênticas de um saber que se contrapõe ao conhecimento científico convencional, oferecendo processos educativos emergidos através do processo histórico e de conhecimentos prévios da comunidade (Freire, 1987).

Nesta perspectiva, considerar esses saberes como fonte de conhecimento frente a marginalização dos saberes tradicionais e ancestrais vem de encontro ao enfrentamento da colonialidade do saber (Lander *et al.*, 2009). A resistência dessas mulheres em preservar e transmitir seus conhecimentos desafia essa hegemonia, ao compartilhar suas

práticas e tradições contestando as narrativas coloniais que desvalorizam suas contribuições, propondo uma decolonização do saber que reconhece a diversidade epistêmica e valoriza os conhecimentos não ocidentais (Quijano, 2005). Consoante a isto, Walsh (2019) delineia em seus estudos a interculturalidade crítica, como um processo de diálogo e troca entre diferentes saberes e culturas, que vai além da mera coexistência para promover uma transformação profunda das relações sociais e epistêmicas.

Nesse movimento, a valorização dos saberes ancestrais femininos como saberes válidos para um legado pedagógico advindo do sul global (Walsh; Oliveira; Candau, 2018), pode significar um passo nessa direção, abrindo espaço para um diálogo genuíno entre o conhecimento popular e o conhecimento científico. Acreditamos que o conhecimento convencionalmente difundido ao longo da história da humanidade é válido e não deve ser ignorado ou anulado, mas entendemos também a necessidade urgente de ressignificar os conhecimentos historicamente difundidos.

Neste percurso, concordamos com a perspectiva de "romper o paradigma da ciência moderno-hegemônica e supostamente neutra, defendendo uma maior participação social no processo decisório da ciência e tecnologia" (Lourenço; Haliski; Baptistella, 2021, p.9), podendo revalorizar outras formas de fazer ciência, promovendo uma horizontalização das relações epistêmicas e reconhecendo múltiplas bases teóricas, sem negar a contribuição da ciência europeia. Para tal, compreender a ciência enquanto conceito comumente abordados em lógicas eurocentradas, como dádivas dos poderes imperiais europeus sobre os territórios colonizados (Santos, 2007), e que desempenham um papel de segregação social ao se isolarem de grande parte da população no que se refere a sua produção e divulgação, torna-se necessário diante da discussão.

Em contrapartida, ao dialogar com os saberes tradicionais produzidos pelos povos invisibilizados pelo colonialismo, um caminho direciona-se ao sulear outras fontes de conhecimento. Neste sentido, a ecologia de saberes apontada por Santos (2007), indica a coexistência e a articulação de diferentes formas de conhecimento, entrelaçando conhecimentos ambientais sobre agricultura, medicina e construção com a vida cotidiana e a sobrevivência da comunidade, refletindo a gestão comunitária vivida pelos quilombolas, que para Bispo (2023) não se entende como política, mas como um modo de vida próprio que difere-se da política eurocristã monoteísta. Desta forma entendemos que, ao valorizarmos esses saberes como fonte de conhecimento e

dialogarmos com os conhecimentos formais, possibilitamos a equidade entre culturas, ao reconhecer a importância dos conhecimentos locais e tradicionais na construção histórica e social dos territórios.

Outrossim, indicamos a descolonização do conhecimento na visão aqui posta, em virtude dos saberes ancestrais de mulheres que em seus territórios e comunidades disseminaram ensinamentos preciosos através de suas memórias, em um processo de resistência e um movimento de insurgência, sobretudo pelas mulheres negras amefricanas através das lutas históricas (Gonzalez, 1988).

Assim, as práticas agrícolas aqui descritas pelas mulheres, refletiram o conhecimento dos elementos naturais, conhecimento este que é transmitido e perpassado através das gerações, das mais velhas as mais novas, configurando-se como uma forma de resistência ao modelo agrícola capitalista e colonial.

Busca-se então desconstruir e redefinir práticas, epistemologias e estruturas de poder que historicamente marginalizam conhecimentos de culturas não ocidentais, indicando a valorização desses saberes como parte de uma educação libertadora e que empodera as comunidades, respeitando seus conhecimentos tradicionais no processo educativo (Freire, 1967).

Consoante a isto, os conhecimentos ancestrais indicados demonstram uma alternativa frente ao saber ocidental, porém estes saberes advindos da natureza frequentemente são ignorados e menosprezados, imperando a colonialidade do saber (Quijano, 2005). Neste sentido indicamos a urgência de reconhecimento da resistência negra feminina, as mulheres quilombolas são

> Herdeiras de uma outra cultura ancestral, cuja dinâmica histórica revela a diferença pelo viés das desigualdades raciais, elas, de certa forma, sabem mais de mulheridade do que de feminidade, de mulherismo do que de feminismo. Sem contar que sabem mais de solidariedade do que de competição, de coletivismo do que de individualismo. Nesse contexto, há muito o que aprender (e refletir) com essas mulheres negras que, do abismo do seu anonimato, têm dado provas eloquentes de sabedoria. (Gonzalez, 2020, p.235)

Destarte, Lélia Gonzalez observa que a solidariedade e o apoio comunitário refletem uma cultura de cooperação e interdependência, o que Walsh (2019) indica na interculturalidade crítica, reconhecendo os saberes e práticas de comunidades nativas e afrodescendentes, criando um espaço de diálogo crítico e autônomo, no qual diferentes formas de conhecimento se encontram.

Adiante, ao pensarmos nas técnicas tradicionais de construção descritas pelas mulheres, verificamos exemplos voltados novamente para uma ecologia de saberes (Santos, 2007). Historicamente, essas técnicas refletem compreensão climática, do solo e das dinâmicas ecológicas locais desenvolvidas ao longo de gerações. Valorizar essas práticas como parte de um conhecimento histórico integrando as técnicas descritas nas práticas contemporâneas, nos direciona ao reconhecimento epistemológico dos saberes ancestrais femininos (Loureiro; Layrargues, 2013), enraizados nas práticas sustentáveis e no convívio respeitoso com a natureza.

Diante disto, percebemos um panorama disruptivo da ciência convencional ao dimensionar os saberes produzidos dentro das comunidades tradicionais. Os saberes elencados por cada mulher entrevistada refletiram conhecimentos através de relatos históricos que, ao serem relacionados com conteúdos científicos específicos (Gomes; Lorenzetti; Aparecida Aires, 2022) favorecem outro olhar para os conhecimentos formais comumente difundidos. Doravante, ao promover a junção desses conhecimentos nas práticas educativas ambientais, estamos promovendo a valorização da diversidade epistêmica e desafiando as lógicas de exclusão e marginalização (Mignolo, 2008).

Neste ínterim, as práticas de EA locais sob a perspectiva da EA de Base Comunitária, conduzem os processos pedagógicos que ocorrem nas comunidades ao significado da realidade, das vivências e experiências. Ao integrar as duas perspectivas aqui postas, a EA de Base Comunitária e a descolonização da ciência, sob os saberes ancestrais das mulheres, suleamos a justiça e equidade sobre estes, “aproximando a Ciência do Povo e a Ciência Convencional” (Camargo; Pereira, 2021, p.237), valorizando saberes produzidos por mulheres em seus territórios ao longo do processo histórico e cultural de formação das comunidades.

Considerações finais

A valorização e integração dos saberes ancestrais femininos, especialmente aqueles oriundos de comunidades tradicionais, como as comunidades quilombolas, encontra-se no movimento de descolonização da ciência e reconhecimento dos saberes comunitários femininos. Na presente pesquisa buscamos destacar como os conhecimentos transmitidos pelas mulheres dessas comunidades, em Armação dos Búzios/RJ, podem enriquecer e transformar nossas formas de enxergar outros sistemas

de conhecimento, propondo uma perspectiva decolonial e reconhecendo a importância desses saberes na construção do legado pedagógico dos povos do sul global.

A integração dos conhecimentos científicos convencionais com os conhecimentos tradicionais não implica na deslegitimação do primeiro, mas sim na busca de uma pluralidade epistêmica para ressignificar a ciência. Tal diálogo intercultural demonstra-se essencial para desmantelar as estruturas coloniais que historicamente marginalizaram as contribuições das mulheres e das comunidades tradicionais, buscando a representatividade, empoderamento e pertencimento dos povos historicamente invisibilizados e marginalizados.

Os relatos, através das entrevistas das mulheres quilombolas de Búzios, mostraram um grande conhecimento sobre práticas ambientais, voltadas para a interação com o ambiente, medicina tradicional e construção ecológica, que correlacionados com as categorias temáticas delineadas a partir dos conceitos de Malcom Ferdinand, demonstraram saberes transmitidos de geração em geração, em profundo respeito com a "Mãe Terra", refletindo uma relação direta com o meio ambiente e a natureza, resultando em saberes valiosos, que por sua vez, resultam em fontes de conhecimento.

Nesta perspectiva, a EA de Base Comunitária, ao valorizar as histórias de vida, o conhecimento comunitário, a memória oral e a cultura popular, se apresenta de forma eficaz na busca pela integração dos saberes na educação formal e não formal, abordagem que nos direciona a uma pedagogia emancipatória e transformadora, de acordo com os pensamentos freirianos de uma educação libertadora, respeitando e legitimando os conhecimentos tradicionais.

Os resultados desta pesquisa demonstraram evidências da contribuição dos saberes ancestrais femininos para uma proposta de descolonização da ciência, pois ao desafiarem a hegemonia do conhecimento eurocêntrico, propuseram alternativas abarcadas na história, cultura e luta dos povos para um novo olhar científico. Promover a junção desses conhecimentos nas práticas de EA das comunidades, valoriza a diversidade epistêmica, e enfraquece as lógicas de exclusão e marginalização. Neste desenlace, ao buscarmos a valorização e reconhecimento dos saberes ancestrais femininos, produzidos por mulheres ao longo da história, avançamos em direção à igualdade de gênero na construção de uma ciência descolonizada, representativa e capaz de dialogar com outras formas de saberes.

Por fim, ao indicarmos um movimento atual, com uma pauta urgente e

necessária diante da busca do reconhecimento dos povos tradicionais, dos seus saberes, suas culturas e suas histórias na construção do nosso território, enxergamos que futuras investigações devem continuar a investigar os saberes ancestrais femininos, e além, os conhecimentos criados pelas mais diversas comunidades tradicionais, e suas contribuições para a descolonização da ciência. Este caminho, que está longe de oferecer respostas prontas e que suleia nosso olhar para estes povos historicamente invisíveis, nos indica uma potência social transformadora, ressignificando a relação entre os conhecimentos.

Referências bibliográficas:

BISPO, Antonio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Vitória. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, [*S. l.*], v. 3, n. 2, p. 77–101, 1 jan. 2006.

CAMARGO, Daniel R. **Lendas, Rezas e Garrafadas: Educação Ambiental de Base Comunitária e os Saberes Locais no Vale do Jequitinhonha**. 2017. 210 f. Dissertação de Mestrado – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2017.

CAMARGO, Daniel. R.; PEREIRA, Celso. S. Ciência popular do sertão mineiro e educação ambiental de base comunitária: saberes locais como pontos de partida para a contextualização de propostas educativas no Vale do Jequitinhonha. **Ambiente & Educação**, [*S. l.*], v. 26, n. 1, p. 217–250, 2021.

CARNEIRO, José Â. **As contribuições do curso técnico em Turismo do Colégio Estadual João de Oliveira Botas na promoção da identidade cultural buziana**. 2018. 208 f. Dissertação de Mestrado – UFF, Rio de Janeiro, 2018.

CASTRO, Dominique J.F.A.; MONTEIRO, Bruno A.P. A (re)existência de mulheres na forma de saberes ancestrais: repensando outras relações entre ciência, ambiente e educação no contexto pandêmico. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, [*S. l.*], v. 7, n. Especial, p. 16, 2020.

DONA UIA. Direção de Maria Fernanda Quintela e produção de Nenéu Gomes. Armação dos Búzios: Instagram, 2024. *online* (3 min). Disponível em: https://www.instagram.com/p/C6_K4JKLemb/. Acesso em: 7 jul. 2024.

EVA DA CONCEIÇÃO. Direção de Maria Fernanda Quintela e produção de Nenéu Gomes. Armação dos Búzios: YouTube, 2022. *online* (8 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=czs3j-bq6K4. Acesso em: 7 jul. 2024.

FERDINAND, Malcon. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. trad. Leticia Mei. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2022.

FIOCRUZ. RJ - Quilombolas lutam por território de direito e contra a especulação imobiliária na Rasa, em Búzios. [*s. d.*]. Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil. Disponível em: https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rj-quilombolas-lutam-por-territorio-de-direito-e-contra-a-especulacao-imobiliaria-na-rasa-em-buzios/ Acesso em: 12 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. [*S. l.*]: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 21.

GOMES, Rodrigo. D. V.; LORENZETTI, Leonir.; APARECIDA AIRES, Joanez. Descolonizando a educação científica: reflexões e estratégias para a utilização da história da ciência e ciência, tecnologia e sociedade em uma abordagem decolonial. **Revista Brasileira de História da Ciência**, [*S. l.*], v. 15, n. 2, p. 437–450, 17 dez. 2022.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, [*S. l.*], v. 92/93, p. 69–82, 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2020.

HÉLIO E ZENI CINE BARDOT. Direção de Maria Fernanda Quintela e produção de Nenéu Gomes. Armação dos Búzios: YouTube, 2017. *online* (5 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zVjRZeQqkOo. Acesso em: 7 jul. 2024.

LANDER, Edgard. **A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2009. Disponível em: https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/14084/1/colonialidade.pdf Acesso em: 6 ago. 2024.

LOUREIRO, Carlos. F. B.; LAYRARGUES, Philippe. P. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**, [*S. l.*], v. 11, p. 53–71, abr. 2013.

LOURENÇO, Ana P. N.; HALISKI, Antônio; BAPTISTELLA, Rogério. A descolonização do pensamento e a perspectiva em Ciência, Tecnologia e Sociedade. **Conjectura filosofia e educação**, [*S. l.*], v. 26, 20 out. 2021. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/8290 Acesso em: 11 ago. 2024.

MARISQUEIRAS. Direção de Maria Fernanda Quintela e produção de Nenéu Gomes. Armação dos Búzios: Instagram, 2024. *online* (4 min). Disponível em: https://www.instagram.com/p/C4MkijZIg0X/. Acesso em: 7 jul. 2024.

MERCINA E MOACIR. Direção de Maria Fernanda Quintela e produção de Nenéu Gomes. Armação dos Búzios: YouTube, 2017. *online* (4 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TIROG0Bey8w. Acesso em: 7 jul. 2024.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, [*S. l.*], v. 34, p. 287–324, 2008.

MIGNOLO, Walter. D.; CASAS, A. Silencios da autoridade: A colonialidade do ser e do saber. **Grial, T. 43**, [*S. l.*], n. 165, p. 26–31, 2005.

OLIVEIRA, Carolina. A. G.. O que os Movimentos de Mulheres e os Ecofeminismos do Sul nos ensinam? Apontamentos para a Educação Ambiental de Base Comunitária. **Ensino, Saude e Ambiente**, [*S. l.*], 4 jun. 2020. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/40225 Acesso em: 2 ago. 2024.

PERCILIANA DA COSTA. Direção de Maria Fernanda Quintela e produção de Nenéu Gomes. Armação dos Búzios: YouTube, 2022. *online* (12 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G5cYJxLKtbQ. Acesso em: 7 jul. 2024.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/14118/1/12_Quijano.pdf Acesso em: 6 ago. 2024.

RUFINO, Luis; CAMARGO, Daniel R.; SÁNCHEZ, Celso. Educação Ambiental desde El Sur: A perspectiva da Terrexistência como Política e Poética Descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, [*S. l.*], v. 7, p. 11, 2020.

SANTOS, Boaventura. D. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos - CEBRAP**, [*S. l.*], n. 79, p. 71–94, nov. 2007.

SANTOS, Boaventura. D. S.; MENESES, Maria. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. 1. ed. Coimbra: Almedina, 2009. Disponível em: http://journals.openedition.org/rccs/689 Acesso em: 1 nov. 2024.

STORTTI, Marcelo. A.; SANCHEZ, Celso. P. Diálogos entre a Formação Inicial Docente em Biologia e a temática da Justiça, conflitos e Racismo Ambiental. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [*S. l.*], v. 36, n. 2, p. 60–82, 20 jul. 2019.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas**, [*S. l.*], v. 5, n. 1, 1 set. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/15002 Acesso em: 6 ago. 2024.

WALSH, Catherine.; OLIVEIRA, L. F. D.; CANDAU, Vera. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Education Policy Analysis Archives**, [*S. l.*], v. 26, p. 83, 23 jul. 2018.